

Silvie Špánková,* *Pelos caminhos do insólito na narrativa breve de Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro*, Editorial Karolinum, Praga, 2020. ISBN 978-80-246-4404-2.

O encontro com o inaudito, a busca pelo desconhecido, como também o florescer do surpreendente são balizas de uma constituição ficcional marcada pela conformação de vários aspectos do insólito, que tem sido empregado como termo-conceito que recobre algumas das possibilidades de compreensão do fantástico. Por muito tempo esquecido ou desconhecido das discussões formais, os estudos sobre o insólito como categoria narrativa ganham novos horizontes e profundas reflexões nesse novo tempo e sob novos olhares, como, por exemplo, em *Pelos caminhos do insólito na narrativa breve de Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro*, de Silvie Špánková.

A ficção do insólito e sua conhecida forma curta em sentidos não tão distantes acabaram por estabelecer essa convivência não tão pungente nos círculos formais de estudo. Nesse sentido, a história se renova ao retomarmos a perspectiva da forma breve para refletir a partir delas sobre o insólito.

Como observa Flavio García, a quem Špánková recorre para se munir de instrumentais teóricos, o insólito constrói-se por meio da ruptura da ordem das coisas, definido como o que foge ao usual e/ou previsto, comum, regular. Trata-se, em geral, da significação que engloba o raro, sobrenatural, extraordinário e, também, o que não é característico. Na acepção de Carlos Reis, outro teórico a quem Špánková recorre em sua pesquisa, seria contra o típico que o insólito se afirmaria.

A narrativa breve, matéria tão pouco estudada, já que pouco explorada por escritores portugueses, alcança, conforme observa Špánková, em Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro, uma maneira singular de contribuição. Ambos, autores portugueses e da geração de 1930, apresentam-se na forma breve como exemplos da chamada ficção do insólito, que serve como eixo central do percurso temático descrito pela pesquisadora. O recurso à narrativa curta ao lado da exploração do insólito fornece-lhe a perspectiva acerca de uma fenomenologia muito própria e intertextual com obras clássicas que mergulham na tematização do que se entende por insólito.

Assim, em um percurso de renovação, o insólito, como categoria, toma a

* Silvie Špánková é doutora em Literatura Portuguesa (2010) pela Universidade Carolina de Praga; professora de literatura portuguesa na Universidade Masaryk de Brno, na República Checa; dedica-se atualmente ao estudo da narrativa breve portuguesa e à pesquisa do imaginário urbano, sobretudo lisboeta; publicou vários ensaios sobre a ficção portuguesa dos séculos XIX e XX; responde pela redação da revista académica *Études Romanes de Brno*.

cena colocando-se em meio a um novo cenário de descoberta e ainda de fixação como matéria a ser estudada de modo cada vez mais aprofundado. Como observa Špánková, há o «interesse por tudo que escapa ao realismo, vulgar e quotidiano, e que pode ser denominado, simplesmente, do insólito» (11). O percurso da autora pela narrativa breve se faz a partir do olhar debruçado sobre as obras de Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro, escritores que se destacam pela trama introspectiva e psicológica. A conexão entre eles está no modo como cada um escapa ao realismo de sua época. Cada qual ao seu modo estabelece uma maneira singular de constituição do insólito. Sob essas variadas influências, a autora vai traçando sua percepção sobre a obra de cada um deles. Trata-se de uma apreensão verticalizada da temática do insólito, apontando para formas recorrentes, que se perpetuaram exatamente pela forma como consolidaram a concepção do insólito em um determinado tema.

Špánková concretiza sua leitura a partir da ideia da tematologia, destacando a importância de cruzamentos textuais e da intertextualidade. Ela explora as perspectivas de Guillén e de Kristeva, respectivamente, exemplificando com a perpetuação de cruzamentos eternizados na figura vampiresca. Se já não bastasse seu percurso pela obra de Branquinho e Domingos Monteiro, a autora elabora todo um raciocínio de fundamentação do percurso histórico da monstruosidade. No mundo do monstro ou no mundo que cria o monstro, ela aborda a história que corro-

bora a confecção do vampiro ou ser não típico e explora suas leituras por meio da anotação apontada pela junção de traços presentes no alicerce do novo monstro.

Špánková permite-se situar o gótico em tempo e espaço para enfatizar seu posicionamento quanto à ordenação do gótico nas leituras possíveis sobre o tema. Ela trata o gótico destacando seus fios entretecidos pela resistência e assinalando traços da existência da estética gótica na atualidade. Assim, identifica conexões entre o Drácula, de Bram Stoker, e o Barão, de Branquinho da Fonseca, a partir de espaços diferentes de escrita, marcados pela presença de elementos do gótico, com a construção dos cenários escuros, serranos, sombrios, primitivos etc., confrontando-os com todo o imaginário sombrio e aterrorizador dos castelos medievais.

O trabalho de Špánková caminha pelo assombro do novo, ainda que com o olhar detido na construção histórica. Deste modo, o vampiro em Domingos Monteiro, diversamente do que ocorre em o Barão, não reuniria em si traços do conhecido Drácula de Stoker. Como afirma, o novo vampiro é tão perigoso como o antigo (144), contudo, o assombro e o medo derivados de sua presença evoluem em conjunto com o cenário sombrio e violento. Há, portanto, em Domingos Monteiro, uma leitura do vampiresco, da percepção do gótico, um pouco diferente da realizada em Branquinho. Enquanto aquele reinventa elementos e marcas, este reaproveita subsídios e produz uma interessante evolução do vampiro e sua sedução.

Em sua leitura sobre a casa e o imaginário vampiresco, Špánková ressalta a dualidade do monstro presente em *Branquinho*, destacando o solar sombrio ao lado de um ser fascinante e amedrontador, tal qual Drácula em seu castelo medieval. Já em Domingos Monteiro, há a presença vampiresca atrelada à violência e, mesmo, ao mórbido, visto que sua narrativa mergulha no cenário sombrio para construir a presença maligna. Os mundos ficcionais desses autores são construídos a partir da perspectiva do insólito, tendo como eixo central o diálogo entre um ontem e um hoje, em relação ao tempo histórico dos autores, conjugando o novo e o velho em imagens completamente transtornadas, seja pela existência da malignidade em parcela da alma do humano, seja pela totalidade do mal.

O espaço da casa, por exemplo, parece ganhar bem mais destaque que o próprio vampiro em Domingos Monteiro, afinal, como Špánková bem percebe, elas funcionam como espaços insólitos, principalmente ao causarem curiosidade ou surpresa, aliando suas novas formas ao material das narrativas clássicas pertencentes ao fantástico. A casa é um espaço de propagação do insólito no decorrer do tempo e, por isso, Špánková destaca a casa assombrada, a casa de mistério, a casa mortuária, bem como as presenças lúgubres e mortais no ambiente caseiro. A exploração dos espaços do familiar e do não-familiar nas narrativas de Domingos Monteiro aproxima-se da perspectiva freudiana.

Se já não bastassem elementos próprios à concepção de um imaginário acerca da ficção do insólito, a autora destaca a importância do mito literário do duplo, determinado, por vezes, pela conformação substantiva de uma subcondição de existência psicológica. Assim, o segundo eu, seguindo os preceitos iniciais de Richter, poderia desenvolver-se como uma força demoníaca e/ou monstruosa. Essa outra presença espelhada insurgente, o duplo, tão cara aos estudos do insólito, em sua versão psicológica, segundo defende Špánková, é basicamente o que predomina na literatura portuguesa. O duplo perfaz uma vivência própria e bastante abrangente nos estudos do insólito ficcional. Afinal, seja em Dorian Gray, de Oscar Wilde, seja em William Wilson, de Edgar Allan Poe, o tema do duplo se produz e reproduz sob a égide dos temas em que o insólito se manifesta.

Em *Pelos caminhos do insólito na narrativa breve de Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro*, encontram-se muitos matizes da ficção do insólito, seus grandes temas e, a partir deles, comparações entre um ontem e um hoje, fornecendo um novo olhar sobre o modo de construção forjado pelo surpreendente e não típico. Como a autora distinguiu desde o seu título, o eixo central de sua leitura foi a narrativa breve portuguesa formulada pela dimensão do insólito. Tal dimensão, avalizada por suas conclusões acerca das obras estudadas, aponta para uma maior compreensão da forma breve que tenha como traço constitutivo a manifestação do

insólito. A percepção da autora nasce como uma importante contribuição aos estudos do insólito, denotando a importância do novo e da releitura do antigo para compreender a conexão entre os mundos de possibilidade da construção portuguesa contemporânea. Os diálogos entre os clássicos do fantástico e as novas formulações permitem a ampliação do

imaginário e, em certo sentido, aprofundamentos no que tange ao leque abrangente de leituras.

LUCIANA MORAIS DA SILVA
Faculdade Unyleya
luciana.silva.235@gmail.com

